

Maio
1996



I Encontro Científico do CINDEDI

**Centro de Investigação sobre
Desenvolvimento e Educação Infantil**

07, 08 e 09 de fevereiro de 1996

**Local: FFCLRP- USP
Depto. Psicologia e Educação**



ИЗДАНИЕ об организации

своего предприятия об организации
финансов предприятия и организации

до 1991 года работы об 1991 и 20, 70

1991-1993 года
организации и организации

Objetivos:

- Apresentação e discussão teórico-metodológica dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo grupo;
- Dar oportunidade aos estudantes de graduação e pós-graduação de conhecerem os vários elementos do grupo ao qual pertencem e o que cada um está fazendo. Promover, assim, a identidade do grupo;
- Estimular as atividades de pesquisa em 1996, particularmente neste primeiro semestre, pois em final de maio, teremos de entregar à FAPESP o relatório final do Projeto Temático;
- Prepararmos-nos para a elaboração de um novo projeto temático que apóie nossas atividades até a virada do milênio.

Caderno de Resumos:

Organização dos Resumos :
Caroline Eitink
Heloise Salgado

ARRANJOS ESPACIAIS E AGRUPAMENTOS DE CRIANÇAS DE 2-3 ANOS EM CRECHES

Renata Menechini e Mara Ignez Campos de Carvalho - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo

Em nosso estudo anterior, realizado com grupos de crianças de 2-3 anos de duas creches da região de Ribeirão Preto (SP) que atendem população de baixa renda, verificou-se uma modificação no padrão de distribuição espacial das crianças, com ocupação preferencial de áreas mais estruturadas em cada tipo de arranjo espacial (arranjo espacial refere-se à maneira como móveis e equipamentos existentes em um local posicionam-se entre si). Utilizando a coleta de dados deste estudo, o presente trabalho tem por objetivo verificar a formação de agrupamentos em duos e com três ou mais crianças, buscando examinar diferenças e/ou semelhanças entre os diversos arranjos espaciais. Os dados do estudo anterior foram coletados por duas câmeras fotográficas com funcionamento automático e simultâneo a cada 30 segundos. O procedimento consistiu de três fases: I-arranjo aberto: habitual, amplo e vazio (4 sessões); II-arranjo aberto: introdução de pequenas estantes de madeira nas laterais do local (6 sessões); III-arranjo semi-aberto: montagem de duas zonas circunscritas - áreas delimitadas pelo menos em três lados por barreiras (6 sessões). Na análise das fotos para o presente trabalho utilizou-se o critério de proximidade física, onde as crianças foram consideradas agrupadas quando estavam no máximo a 1 m de distância, sendo levantadas as porcentagens de ocorrência de cada tipo de agrupamento. Verificou-se que à medida que o espaço tomava-se mais estruturado da Fase I para a III, houve acréscimo na ocorrência de agrupamentos entre crianças e redução dos agrupamentos formados com a educadora. Em relação aos agrupamentos entre crianças, os dados mostraram: (1) agrupamentos em duos foram mais frequentes; (2) os agrupamentos ocorreram preferencialmente em áreas mais estruturadas a cada fase - Fase I: zona do adulto; Fase II: estantes; Fase III: zonas circunscritas. Estes dados apontam a importância do arranjo espacial na formação de agrupamentos infantis.

(FAPESP / CNPq)

ARRANJOS ESPACIAIS E FORMAÇÃO DE PARES ENTRE CRIANÇAS DE 2-3 ANOS EM CRECHES.

Mara I. Campos de Carvalho, Renata Menechini & Regina C. Mingorance - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

O arranjo espacial - maneira como móveis e equipamentos existentes em um local posicionam-se entre si - é uma das variáveis do contexto ambiental que favorece ou dificulta a interação entre crianças. Este estudo comparou a formação de pares entre crianças e entre criança-monitora em diferentes arranjos espaciais, utilizando os dados obtidos em nosso estudo anterior, conduzido com grupos de crianças de 2-3 anos de duas creches da região de Ribeirão Preto (SP) que atendem população de baixa renda. Dado que neste estudo anterior houve uma modificação no padrão de ocupação do espaço em cada tipo de arranjo espacial, com ocupação preferencial de áreas mais estruturadas, o presente estudo teve por objetivo verificar se ocorreria uma modificação no número de parcerias formadas entre crianças e entre criança-adulto, à medida que o espaço foi se tornando mais estruturado. A análise das fotos, obtidas por duas câmeras fotográficas com funcionamento automático e simultâneo a cada 30 segundos, considerou a proximidade física como critério para registrar se cada criança encontrava-se associada (no máximo a 1 m de distância) ou não, tendo sido levantada também a porcentagem de vezes em que cada par foi registrado como estando próximo. Os dados evidenciam: (1) maior ocorrência de proximidade física que de isolamento e maior porcentagem de pares entre crianças do que entre criança-adulto; (2) à medida que o espaço se tornava mais estruturado houve um acréscimo na ocorrência de parcerias entre crianças e uma redução nos pares formados com a monitora; (3) maior ocorrência de pares criança-criança nas áreas mais estruturadas, as quais foram diferentes em cada tipo de arranjo espacial.

(FAPESP / CNPq)

ARRANJOS ESPACIAIS E PARCERIAS PREFERENCIAIS ENTRE CRIANÇAS DE 2-3 ANOS EM CRECHES.

Flávia H. P. Padovani e Mara I. Campos de Carvalho - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo

O arranjo espacial - maneira como móveis e equipamentos existentes em um local posicionam-se entre si - é uma das variáveis do contexto ambiental que favorece ou dificulta a interação entre crianças. Em nossos estudos anteriores, realizados com grupos de crianças de 2-3 anos em duas creches da região de Ribeirão Preto (SP) que atendem famílias de baixa renda, verificou-se o papel de suporte do arranjo espacial para a distribuição espacial das crianças e sua importância na formação de agrupamentos infantis. Utilizando a mesma coleta de dados, obtida por duas câmeras fotográficas com funcionamento automático e simultâneo a cada 30 segundos, o objetivo do presente trabalho é duplo: (1) analisar a ocupação do espaço por parcerias privilegiadas ou preferenciais, ou seja, aquelas que se associam mais frequentemente; (2) verificar o papel de suporte do arranjo espacial para a ocorrência de pares preferenciais, comparando o número de parcerias privilegiadas detectadas em cada fase. Os dados foram coletados em três fases: I - arranjo aberto: espaço habitual, amplo e vazio (4 sessões); II - arranjo aberto: introdução de pequenas estantes de madeira nas laterais do local (6 sessões); III - arranjo semi-aberto: montagem de duas zonas circunscritas (6 sessões). O critério de proximidade física (distância de até 1m) foi utilizado para o levantamento inicial dos pares. Os pares que apresentarem um número de associações superior ao dobro da frequência média de associação do grupo serão considerados parceiros privilegiados. Sua ocupação do espaço será analisada, verificando se as áreas mais estruturadas, específicas a cada fase, serão preferencialmente ocupadas, tal como apontado em nossos estudos anteriores, ou se pares privilegiados prescindem do suporte do arranjo espacial para se associarem.

(FAPESP/CNPq)

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE CRIANÇAS DE 2-3 ANOS EM ÁREAS DE ATIVIDADES LIVRES EM CRECHE

Regina C. Mingorance e Mara I. Campos de Carvalho - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo

Temos demonstrado em nossos estudos anteriores, o papel de suporte à ocupação espacial exercido por pequenas estantes de madeira, em dois momentos sucessivos. Tal estruturação ocorreu no lugar habitual de ocorrência de atividades livres, em duas creches da região de Ribeirão Preto (SP), que atendem famílias de baixa renda. Inicialmente as estantes foram colocadas nas laterais do local, com a manutenção de um amplo espaço central vazio. Num segundo momento, as estantes foram dispostas de tal maneira a circunscrever áreas mais estruturadas - zonas circunscritas que são áreas delimitadas em pelo menos três lados por barreiras (ZC). O objetivo do presente estudo foi: (1) investigar o papel de suporte da variável circunscritão e superfície de apoio, para a ocupação de ZC, buscando verificar qual destas características atrai as crianças; (2) verificar a distribuição espacial das crianças à medida que se aumenta o número de zonas circunscritas. O estudo constou de três etapas: na Etapa I (5 sessões) a variável analisada foi a circunscritão, havendo estantes com superfície de apoio, tanto delimitando uma ZC como não; na Etapa II (5 sessões) a variável analisada foi a superfície de apoio, estando presentes duas ZC, uma com apoio e outra sem; na Etapa III (4 sessões), além destas duas ZC, havia uma cabana de papelão estruturando uma 3ª ZC, para analisar a influência do aumento no número de zonas circunscritas na distribuição das crianças pela sala. Os dados foram coletados por três câmeras de videocipe, sem a presença do operador, na sala habitualmente utilizada pelo grupo de crianças entre 2-3 anos da Creche Carochinha - COSEAS/USP - Ribeirão Preto, estando presentes as duas educadoras do grupo. A análise dos dados, registrando de minuto a minuto a localização de cada criança na sala, evidenciou: (1) na Etapa I, ocupação preferencial do grupo pela ZC em detrimento da zona sem circunscritão; (2) na Etapa II, maior ocupação da ZC que oferecia superfície de apoio; (3) na Etapa III, um rearranjo na distribuição espacial das crianças, que ocuparam preferencialmente a ZC com superfície de apoio e a cabaninha.

(FAPESP/CNPq)

A Análise da Comunicação e Vínculo na Interação de Crianças de 2 a 3 anos

Regiane Sedenho de Moraes; Márcia R. B. Rubiano

O desenvolvimento durante o segundo ano de vida caracteriza-se por um avanço na habilidade da criança para interagir com parceiros da mesma idade, sendo este tipo de relação bastante positiva, pois nela os parceiros envolvidos tem de "ajustar-se" mutuamente, reconhecendo aspectos do outro e tendo que diferenciar-se dele. Nesta fase, estando a linguagem oral pouco desenvolvida, a imitação parece ter uma função de comunicação, visto que se observa uma frequência muito grande de atos imitativos, como brincar com o mesmo objeto, adotar a mesma postura e realizar a mesma atividade. Este estudo tem como objetivo analisar as interações de crianças de 2 a 3 anos destacando atividades que revelam alguma forma de imitação, como por exemplo imitação na tomada e abandono de objetos, imitação de atitude e imitação no jogo simbólico, buscando explorar os aspectos da emoção que é partilhada em tais episódios, considerando-a como fator favorável no estabelecimento do vínculo entre pares. Foram sujeitos 14 crianças (8 meninos e 6 meninas), pertencentes a 2 mini-grupos da creche USP-RP, com idades variando entre 21 e 30 meses. Foram filmados 4 sessões de 20 minutos em períodos de atividade livre e 12 sessões de 20 minutos com duplas compostas por crianças que foram apontadas como tendo parceiros privilegiados, em uma sala estruturada com 2 zonas circunscritas. O procedimento de análise será realizado em duas etapas, sendo observação do conjunto da sessão e transcrição dos episódios interativos. O episódio é definido em função da busca de aproximação social, nestes serão focalizadas as atividades que envolvem imitação; uma análise microgenética de alguns episódios será feita a fim de permitir explorar o papel da emoção compartilhada no diálogo "imitar-ser imitado".

BUSCA DE APROXIMAÇÃO SOCIAL EM DUPLAS Sandra Aparecida Luque, Silvia Helena Gallo Tenen, Marcia Regina Bonagamba Rubiano. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

A literatura aponta que crianças menores de 3a são bastante competentes na relação social com pares. Este estudo tem como objetivo analisar como uma criança aborda socialmente a outra quando em dupla. Foram analisadas 12 duplas de crianças com idades variando de 1a9m a 2a6m, sendo 3 meninas e 7 meninos, arranjados em 2 duplas femininas, 3 masculinas e 7 mistas. As crianças foram observadas em uma sala com 2 zonas circunscritas, localizadas em cantos opostos, na presença do adulto e com brinquedos variados. Foram analisadas 12 sessões com duração média de 17 minutos, sendo os episódios sociais recortados levando-se em consideração o início (busca) e o término (não houve resposta do parceiro ou a cadeia interacional foi interrompida), as estratégias para buscar aproximação do outro (a- entrar na atividade do outro e b- envolver o outro na própria atividade), a proximidade no momento da busca e a orientação postural e/ou visual das crianças. Observou-se 50 buscas, sendo que 60% delas resultaram em episódios compartilhados. Houve diferença entre os pares quanto ao sucesso em relação às buscas, sendo que 7 deles compartilharam em pelo menos 80% delas, enquanto que os demais no máximo em 57% das tentativas. Na grande maioria dos pares ambas as crianças buscaram aproximação social do parceiro, não havendo diferença relevante no número de buscas apresentado por elas. As exceções ocorreram quando o par apresentou 1 ou 2 buscas, seguidas por longos episódios compartilhados. Em relação às estratégias utilizadas, observou-se um predomínio da estratégia em que o emitente tenta envolver o outro na própria atividade, porém, a estratégia em que o emitente tenta entrar na atividade do outro foi mais eficaz para desencadear episódio interativo. A maioria das buscas que resultaram em compartilhamento ocorreram quando as crianças estavam próximas e as crianças alvo não estava orientada para o emitente.

Apoio financeiro CNPq e FAPESP.

Busca ou Abordagem Social entre Crianças de 2 a 3 anos

Raquel Gonçalves Ribeiro, Regiane Sedenho de Moraes, Márcia R. B. Rubiano

A ocorrência de contato social exige que os parceiros obtenham acesso ao espaço interpessoal um do outro (Corsaro, 1979). As formas de obtenção desse acesso, ou de iniciação de contato social têm sido bastante estudadas nos casos de interação de adultos. Na interação de crianças, este interesse surge tanto de uma questão prática, em função das condições de criação da sociedade atual, como também do ponto de vista teórico, visto que o estudo das formas de iniciação de contato social pode contribuir para a compreensão do processo de aquisição dos rituais de acesso que virão a ser utilizados na interação social adulta. O presente trabalho tem como objetivo analisar as formas de abordagem social utilizadas por crianças de 2 a 3 anos no ambiente de creche. Foram sujeitos 14 crianças (8 meninas e 6 meninos), os quais compunham 2 mini-grupos da creche 1/3P-RP, com idades variando entre 21 e 30 meses. Foram filmados 4 sessões de 20 minutos em períodos de atividade livre em uma sala estruturada com 2 zonas circunscritas. O procedimento de análise foi realizado em duas fases, sendo observação do conjunto da sessão e transcrição dos episódios interativos. O episódio é definido em função da busca de aproximação social, dentro dos episódios identifica-se as crianças alvo e emitente do comportamento social, a forma de abordagem social e o compartilhamento de atividade. Nesta etapa foi realizada uma análise individual dos vários elementos do grupo, sendo que posteriormente serão focalizadas as relações que se estabelecem, bem como a dinâmica e estrutura do grupo, comparando com dados de outra creche, já analisados pela mesma equipe de pesquisa.

"COMPARAÇÃO ENTRE PARCEIROS PRIVILEGIADOS E PRETERIDOS EM DUPLAS"

Marliú B. Frederick e Márcia R.B. Rubiano; Depto. de Psicologia e Educação - FFCLRP - USP.

A preferência por parceiros e laços de amizade tem sido relacionada ao fato das crianças brincarem e interagirem com frequência mais alta com apenas alguns dos parceiros disponíveis. A experiência com parceiros específicos dentro de um grupo tem sido considerada, ao lado da competência social e familiaridade com a situação, como um dos fatores relacionados a longos episódios de interação, inclusive podendo favorecer a emergência de comportamentos mais complexos. Este trabalho tem por objetivo investigar o papel da experiência de brincadeira compartilhada com parceiros privilegiados (PP) sobre a interação de crianças pequenas em pares na creche. Os sujeitos deste, foram quatorze crianças com idades variando entre 21 e 30 meses (no início do estudo), das quais 8 eram meninos e 6 meninas, pertencentes ao mini-grupo da creche Carochinha. Numa primeira etapa, foram realizadas observações e entrevistas com as educadoras e com os pais para levantar as preferências de parceiros destas crianças. Os dados desta primeira etapa permitiram a identificação de crianças que possuíam parcerias privilegiadas. Cada uma destas crianças participou de uma sessão, posteriormente com um parceiro preterido, formando 12 duplas: 4 de parcerias privilegiadas e 8 de parcerias preteridas. As sessões foram registradas em vídeo e ocorreram em uma sala da creche cujo arranjo espacial era familiar às crianças e continha diversos brinquedos disponíveis. As sessões foram observadas no seu conjunto com o objetivo de apreender a sequência e o fluxo de atividades desenvolvidas. No momento, as sessões estão sendo analisadas por intervalos de 10 segundos, considerando-se os seguintes indicadores: estado social, tipo de atividade e conteúdo da mesma, localização, proximidade e conotação afetiva. Estes dados deverão permitir a comparação qualitativa e quantitativa entre duplas privilegiadas e preteridas.

(Apoio financeiro CNPq e FAPESP)

Origens da Amizade - Análise da Interação de Pares Infantis Preferenciais e Preteridos dentro do Grupo.
Piotto, Debora C., Rubiano, Márcia R.B. Departamento de Psicologia e Educação, F.F.C.L.R.P-USP

A amizade entre crianças pequenas vem sendo identificada pela preferência a certos parceiros dentre outros disponíveis e por uma maior frequência interacional com os mesmos. Consoante com o fato das crianças compartilharem atividades com alta, média e baixa frequência, elas têm sido classificadas em parceiros privilegiados, neutros e preteridos, respectivamente. Na literatura existem evidências de diferença entre crianças com maior ou menor grau de relacionamento como uma maior complexificação dos comportamentos, maior presença do faz-de-conta e uma maior elaboração do conceito de amizade. Outras pesquisas não encontraram tal diferença e outras ainda demonstram-na apenas em relação à duração de episódios compartilhados. Neste sentido o objetivo deste trabalho é verificar se o fato das crianças serem mais ou menos amigas influencia a interação das mesmas, e, em caso afirmativo, procurar ver como esta influência processa-se. Para isto, foram filmadas, entre novembro e dezembro de 93, 5 sessões de 20 min do material de uma Creche, composto por duas turmas, num total de 14 crianças, 8 meninos e 6 meninas, com idades entre 23 e 32 meses, em situações de atividade livre. A observação dos vídeos foi feita em dois momentos: 1) observação global das sessões para compreender-se o fluxo e a sequência das atividades e 2) registro do estado social e da atividade de cada criança, além da duração, distância entre parceiros e conotação afetiva dos episódios compartilhados. A análise parcial dos dados (somente 3 sessões foram analisadas até o momento) com base na frequência e duração da associação, e na constância das parcerias entre as sessões permitiu uma caracterização inicial da rede social, apontando a formação de 16 parcerias preferenciais, 15 neutras e 25 preteridas. 87% das duplas preferenciais são formadas por crianças da mesma turma, enquanto 64% das preteridas são compostas por crianças de ambas as turmas, o que demonstra a influência da familiaridade nas escolhas dos parceiros. As duplas preferenciais estiveram associadas em média 17% do tempo e na maior parte das sessões, além disso todas apresentaram sequências interativas. Já as duplas preteridas permaneceram juntas 2% do tempo, apenas 40% delas foi constante e 12% teve sequências interacionais. Nas parcerias preferenciais encontra-se maior ocorrência de atividades envolvendo faz-de-conta, maior elaboração das brincadeiras, além de manifestações de afetividade. Estes resultados parciais parecem evidenciar diferenças entre parceiros preferenciais e preteridos. (Orgãos Financiadores: CNPq e FAPESP)

SEGIIMENTO LONGITUDINAL DA REDE DE RELAÇÕES DE UM GRUPO DE CRIANÇAS EM CRECHE.

Marli I. B. Frederick, Débora C. Piotto e Márcia R. R. Rubiano

Estudamos grupos estáveis, formados há pelo menos 6 meses, de crianças em creche. Nossos estudos mostram que dentro do grupo existe uma certa preferência de parceiros que leva algumas crianças a buscarem-se e brincarem juntas mais frequentemente. O presente estudo busca compreender a organização social de um grupo de crianças entre 21 e 30 meses no início desta pesquisa, durante um período de dois anos. O grupo é composto por 14 crianças divididas em dois mini-grupos, cada um com 3 meninas e 4 meninos e coordenados por uma educadora. No mini-grupo I as crianças tinham de 21 a 27 meses e o mini-grupo II de 29 a 30 meses. A coleta de dados foi realizada em três momentos: *Outubro de 1993* - Entrevistas com as educadoras, coordenadora, mães e 7 sessões de observação com 60 minutos de duração, durante atividade livre conjunta dos minigrupos. *Outubro de 1994* - Entrevistas com as educadoras das Turmas 2 e 3, nas quais os sujeitos foram alocados e 5 sessões de observação das turmas independentemente. *Dezembro de 1995* - Entrevistas com as educadoras das Turmas do pré 1 e 2, nas quais os sujeitos foram realocados. As informações obtidas serão possibilitar responder às questões: 1) Quais são os pares relatados pelas diferentes fontes, nas duas primeiras fases? 2) Há consistência entre as informações e quais outras são formadas? 3) A organização do grupo é comparável a de estudos anteriores? Desta forma, pretende-se explorar a formação de laços entre as crianças na creche. (Apoio: CNPq e FAPESP).

Suportes Sociais para Interação Criança-Criança em Creche
Regiane Moraes, Sandra Luque, Márcia Regina Bonagamba Rubiano

CRECHES

disso, assume papel fundamental no processo de individuação.

vidas nesse processo

10

olhida pela educadora, representava a educadora.

de conta.

Maria Mello

etc gravados em vídeo.

Admission?

ANÁLISE SÓCIO-INTERACIONISTA DAS BRINCADEIRAS E FAZ-DE-CONTA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN. Souza, E.L.; Oliveira, Z.M.R.

O jogo de faz-de-conta é central na concepção sócio-interacionista de desenvolvimento humano. Na brincadeira infantil, as crianças internalizam regras de conduta que caracterizam os papéis sociais representados. A brincadeira se constitui assim em uma "zona de desenvolvimento proximal", pois, na representação, a criança evoca o papel do indivíduo cujo comportamento é mais mediado pelos símbolos presentes numa cultura.

Experimentos realizados para averiguar o jogo de faz-de-conta em crianças com Síndrome de Down relatam que, quanto maior a idade mental dessas crianças, melhor seu desempenho no jogo e que as brincadeiras não diferem, em termos cognitivos, das brincadeiras das crianças não deficientes. *verdadeiro e o desempenho delas*

O objetivo deste trabalho é compreender e descrever o jogo de faz-de-conta em crianças com Síndrome de Down através de uma análise sócio-interacionista.

Os sujeitos serão um grupo de 5 crianças com 5 anos de idade, portadoras de Síndrome de Down, alunas de uma escola de educação especial. Durante uma semana, a pesquisadora fará visitas diárias e realizará filmagens a fim dos sujeitos se familiarizarem as situações onde se usará a câmera. Após isso, será feita a filmagem de 3 sessões semanais de brincadeira livre na brinquedoteca da escola. Para análise das sessões, será feita transcrição microanalítica do fluxo de ação das crianças. Também será realizado entrevista com a educadora, levantamento da história de vida das crianças a partir do exame da ficha na instituição, entrevista com os pais e avaliação psicológica.

Consultoria Realizada ao MEC - Coordenadoria de Educação Infantil Ana Maria Mello e Zilma de Moraes R. Oliveira

Para construir critérios para análise das propostas curriculares e/ou pedagógicas para a Educação Infantil o MEC convidou cinco consultores (Tizuko Kishimoto, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, Maria Lucia Machado, Sônia Kramer e Ana Maria Mello) e dois grupos de técnicos da Divisão de Educação (DENEC) do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, para refletir sobre: "O que é proposta pedagógica e currículo em Educação Infantil." Os consultores elaboraram textos e propuseram critérios para a análise dos programas organizados por todas as Secretarias de Educação dos Estados e dos Municípios das Capitais. Após esta etapa, consultores e técnicos do MEC visitaram 5 Estados brasileiros de diferentes regiões para testar a metodologia de análise dos programas elaborados e verificar a implementação dos mesmos. Um documento final sobre indicadores e critérios para se construir e analisar propostas pedagógicas para o atendimento de Educação Infantil no país fará parte da série do MEC sobre "Políticas de Educação Infantil" (1993).

Analisando e elaborando diretrizes para propostas de trabalho junto às crianças pequenas em creches a luz da teoria sócio-interacionista do desenvolvimento Ana Maria Mello

Objetivo: analisar, a luz da teoria sócio-interacionista do desenvolvimento, como diferentes autores representam uma experiência de trabalho na Creche Carochinha da USP em Ribeirão Preto, elaborando diretrizes para uma proposta de educação de crianças de 3 meses a 3 anos que são cuidadas e educadas pela creche e famílias.

Procedimentos Básicos: a) registros mensais dos educadores em supervisão e grupos de estudos; b) relatórios de avaliação semestral; c) relatórios técnicos; d) entrevistas com três educadoras que tiveram nos últimos 5 anos cuidando e educando crianças da faixa etária em questão, e que são co-autoras do programa da creche.

Procedimentos Complementares: e) levantamento de jornais e folhetos publicados por educadoras da creche, após 1993; f) análise de episódios de diferentes atividades: brincadeiras livres e orientadas, momentos de histórias, de jogos musicais etc. gravados em vídeo.

Crianças e Adolescentes na Escola : respondendo algumas questões.

Zilma Moraes de Oliveira; Adriana Buainain; José Maurício Oliveira; Luciane Baldin;
Maria das Graças Fleury; Ivone Garcia Barbosa; Regina Lúcia Scarpa Leite; Cláudia
Monteiro Queiroz.

ESTÓRIAS APRENDIDAS E CONTADAS POR CRIANÇAS EM CRECHES. Érika Araújo Silva e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira

Introdução: O trabalho pedagógico em creches e pré-escolas tem incluído a narrativa de Contos de Fada, o que leva a uma discussão sobre o valor desenvolvimental dessa atividade, dado que, segundo Wallon e Vygotsky, é nas práticas cotidianas que se forma o sujeito psicológico.

Objetivos: 1) Investigar como crianças e educadora concebem Conto de Fada; 2) Investigar como a educadora diz trabalhar Conto de Fada com as crianças (em sua frequência e forma); 3) Levantar o repertório de Conto de Fada que são recordados e narrados pelas crianças, identificando também os mais preferidos por elas e as reações das mesmas aos Contos, na opinião delas próprias e da educadora.

Sujeitos: Foram feitas entrevistas com as crianças, individualmente, na própria creche e aplicado um questionário à educadora. Nas entrevistas, as crianças foram solicitadas a apresentar sua concepção de Contos de Fada, os contos mais e menos preferidos, o repertório de contos conhecidos por elas. O questionário pediu que a educadora também apresentasse sua concepção sobre Contos de Fada, como trabalha o tema com as crianças, as reações destas para com eles.

Resultados e Conclusão: Cada criança define Conto de Fada de acordo com seu nível de desenvolvimento e suas experiências, orientadas basicamente por um "sincerismo afetivo". Também ao falarem das preferências por Contos de Fada, elas apoiam-se em seu cotidiano, e muitas vezes, fazem a associação de Contos de Fada com desenhos de T.V., e destes generalizam para programas de T.V., qualquer que seja, confirmando que pensar, para a criança, está determinado não tanto pela estrutura lógica da questão em si, mas por lembranças concretas, assumindo o caráter sincrético.

Acompanhamento de Saúde de Bebês em Adaptação à Creche

Adriano Puntel Grossi
Alma Helena A. de Silva
Cláudia Yaelle
Idaury A. A. da Costa
Marta Bernadete F. de Oliveira

Marlene F. M. do Amaral
Rosa Virginia Pantoja
Tatou Ribeiro de Oliveira
Viviane Moreira

(Atendentes Prof. 1ª Maria Cláudia Ribeiro-Jacina)

ENUNCIÇÕES DE PROFESSORES SOBRE O TRABALHO INFANTIL - Luciane S. A. Baldin

Nas concepções de Vygotsky e Wallon, o conhecimento se faz no processo de produção cultural e histórica do homem e está consolidado sobretudo nas formas verbais de comunicação. Considerando que o professor é um mediador privilegiado do processo de apropriação pelo aluno do conhecimento socialmente construído, conhecer suas enunciações acerca do tema trabalho infantil pode iluminar como o discurso pedagógico pode estar tratando o mesmo. Iremos: 1) investigar as concepções sobre trabalho infantil dentre professores e reconhecer os fragmentos de discursos socio-historicamente construídos que circulam entre esta categoria em relação àquele tema; 2) construir uma metodologia de análise de respostas de adultos a partir de Vygotsky, Wallon e Bakhtin (1990). Serão entrevistados 20 professores que lecionam entre a 5a. e 8a. série do 1o. grau, que responderão sobre sua história pessoal, concepções pedagógicas e sobre trabalho infantil.

Resumo:

A literatura médica tem se preocupado em discutir se o ingresso de crianças em creches nos primeiros anos de vida é ou não prejudicial ao desenvolvimento infantil, sobretudo no que diz respeito à saúde. Sendo um espaço coletivo, a criança ao ingressar na creche fica mais exposta ao contágio de outras pessoas, o que propicia maior possibilidade de adoecimento. A psicossomática psicanalítica aponta ainda que, em situações que se configuram para o indivíduo como estressantes, há uma maior incidência de adoecimentos.

A inserção da criança na creche implica em separações, construção de novos vínculos, convivência em ambiente coletivo e rotinas diferentes. Por vezes, o ingresso de uma criança em uma creche provoca reações de protesto, intercorrências de saúde, bem como modificações nas relações interpessoais.

O Cindei vem há alguns anos realizando pesquisas e trabalhos na área de desenvolvimento e educação infantil, acreditando que a qualidade do serviço de uma creche e a relação creche-família são determinantes do estado emocional e de saúde da criança, pois as condições de atendimento tanto físicas (exemplo, higiene) como sociais (por exemplo, formação dos educadores e razão adulto criança), podendo reduzir ou agravar as possibilidades de contágio e os fatores estressantes, que levam às intercorrências.

Este projeto tem por objetivo registrar e analisar eventuais alterações no estado de saúde das crianças e em seus hábitos alimentares, de sono e eliminação, durante o processo de adaptação, como uma possível resposta frente a este processo. Participam como sujeitos desta pesquisa 29 crianças, com idades entre 5 e 17 meses, que ingressaram na creche em março de 1994.

Os dados desta pesquisa foram coletados durante todo o ano de 1994 através de diversos procedimentos: entrevista de matrícula de cada criança, triagem de saúde, reuniões clínicas, entrevistas com a psicóloga da creche, registro de peso e altura de cada criança, registro de desligamento e/ou desistência da creche durante o período de adaptação, registro em ficha de saúde e em fichas de observação de comportamento, além do registro de presenças/ausências das crianças.

Atualmente estão em análise os dados que se referem a intercorrências de saúde e a frequência/ausência das crianças à creche.

Apoio: Fapesp e CNPq

O presente trabalho está inserido como um subprojeto de pesquisa e X de formação de pessoal organizado pelo CINDEDI (Centro Brasileiro de Investigações sobre Desenvolvimento e Educação Infantil) dentro do estudo sobre "Processos de Adaptação de bebês em creche". E tem como objetivo específico acompanhar e analisar a introdução e a aquisição de novos hábitos alimentares por os bebês que ingressam na creche bem como as reações e o relacionamento das crianças, educadoras e familiares durante esse processo. Os sujeitos desse estudo são 18 bebês do berçário e 8 do multi-grupo, que começaram gradualmente a frequentar a Creche Carochinha - COSEAS-USP em março /abril de 1994, seus familiares e respectivas educadoras. Para a coleta de dados foram organizadas e preenchidas fichas de identificação das crianças, e respectivas famílias (tipo econômico), fichas diárias de frequência, estado de saúde, intercorrências médicas e de observações das crianças. E também foram realizadas entrevistas com : as educadoras e os técnicos da creche (psicóloga, auxiliar de enfermagem, técnica em nutrição) e com as mães, a fim de acompanhar o processo de adaptação. O conteúdo dessas entrevistas não abrangem apenas aspectos relacionados à alimentação uma vez que o instrumento tinha como objetivo inicial coletar dados para o estudo como um todo e não para o subprojeto. Essas entrevistas já foram transcritas e digitadas e atualmente estamos realizando as primeiras aproximações para elaborarmos uma metodologia de análise. Quanto às fichas, foi organizado um programa específico para organização dos dados das fichas de saúde e estas fichas já foram digitadas, faltando então elaborarmos uma metodologia de análise (quantitativa e qualitativa). Quanto aos outros instrumentos, estes também deverão ser objeto de estudo no que se refere à organização e análise dos dados nesses conteúdos. Para a realização desse estudo também tem sido importante sistematizar a prática realizada já alguns anos pela Creche bem como estudar os diferentes aspectos da Psicologia e Nutrição que tem subsidiado a organização deste trabalho. Esta tarefa já foi iniciada e finalmente deverá ser apresentada em forma de texto. É importante ressaltar que o processo de aquisição de novos hábitos alimentares é lento e gradual e quando as crianças neste processo frequentam uma instituição, a realização do mesmo envolve uma interação bastante complexa entre a educadora responsável pela criança, a própria criança e sua família e outros funcionários da creche que direta ou indiretamente participam do mesmo. Nesse processo a Creche busca favorecer a transição entre os hábitos previamente adquiridos pelos bebês e aqueles que serão pela apresentação, dentro de uma proposta educativa. Alguns dos procedimentos realizados são: retirada gradual do seio e formulação, mudanças nas consistências das papas, introdução de bicos e canudos, modificação nas formas de oferecimento das frutas (raspada, em pedacinho etc) dentre outros. Tais procedimentos tem como finalidade estimular as funções neurovegetativas como sucção, deglutição e mastigação, favorecendo assim o desenvolvimento da fala. O tempo previsto para as modificações varia conforme a idade das crianças ao ingressar na creche, a história alimentar das mães e do comportamento das crianças e respectivas famílias durante este processo. É importante ressaltar que este trabalho é realizado de forma conjunta e compartilhada com a família desde o início

PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NA CRECHE CAROCHINHA

Relato de experiência.

Alma Helena Alves da Silva
Edna Aparecida Alexandre da Costa,
(Educadoras da CRECHE CAROCHINHA)
COSEAS - USP-RP.

Desde que nascemos somos submetidos a mudanças constantes em nossa vida.

Dependendo de onde, com quem e em que momento vivemos, estas mudanças poderão tornar-se maiores ou menores em sua intensidade e frequência.

Junto a essas mudanças acontece todo um processo de adaptação, não apenas do indivíduo que as vivenciam mas também de todos os que compartilham junto com ele.

No caso da criança, principalmente aquela que vive em uma instituição, estas mudanças são por vezes mais frequentes desde o seu ingresso à creche, mudanças de turna e ou educadores (as) e finalmente ao deixar a instituição e ingressar em outra.

A CRECHE CAROCHINHA existe há dez anos, durante este período, juntamente com com o CINDEDI (Centro Brasileiro de Investigações sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil) pudemos constatar em nossa atuação junto às crianças que mudanças são inevitáveis e necessárias para o desenvolvimento humano. Desde que acompanhado, através de um trabalho organizado sistematicamente, de forma a contribuir para o bom desenvolvimento físico, emocional e social da criança.

Assim CRECHE CAROCHINHA e CINDEDI tiveram a preocupação de organizar e realizar um projeto cujo o objetivo foi de favorecer este processo.

Este projeto vem sendo avaliado anualmente e aprimorado.

Atualmente ele abrange as crianças e respectivas famílias que ingressam na creche, as que mudam de turna e ou educadoras (as) e aquelas que deixam a creche para ingressarem na escola primária (primeira série do primário).

Embora a estrutura e organização sejam as mesmas, nenhum processo ocorre de maneira semelhante a outro, pois as diferenças individuais de cada criança e respectivas famílias fazem com que alguns ocorram de forma mais tranquila, outros de forma mais ansiosa.

Acreditamos que toda instituição que atende crianças de 0 a 7 anos e que busca realizar um trabalho de qualidade, precisa refletir e organizar um trabalho onde estes processos de adaptação sejam considerados.

AVALIAÇÃO PELA EDUCADORA DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE BEBÊS À CRECHE.

Caroline Francisca Elitink - Mestranda pela FFCLRP-USP.
Orientadora: Profª Drª Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

Quando um bebê e sua família começam a frequentar a creche, eles precisam se adaptar a vários aspectos lá existentes, incluindo rotina, horários... O bebê se depara com um novo ambiente social, além de ter de enfrentar a separação de seus pais.

Neste processo de integração do bebê à creche, o trabalho da educadora é extremamente importante. Ele vai sendo norteado a partir de indícios que ela observa de como o bebê e sua família estão se integrando à creche. Indícios estes construídos através de suas ações diretas e experiências prévias, bem como de seus contatos com a família. A partir deles a educadora pode direcionar seu trabalho na maneira de atuar com a criança e sua família.

Este projeto de pesquisa está situado no início do processo de adaptação de bebês de 0 a 2 anos de idade, durante o momento de familiarização das famílias e seus filhos à creche. Ele busca investigar quais as pistas que 6 educadoras de berçário referem para avaliar se uma criança está se adaptando ou não à creche: a suas pessoas, espaços, rotinas e horários. Serão utilizadas entrevistas gravadas em fitas-áudio realizadas com as educadoras e técnicas da creche, e suas respectivas transcrições. Será estudado um grupo de 19 crianças que frequentam uma creche universitária, localizada na cidade de Ribeirão Preto. Para tanto, inicialmente serão feitos recortes das falas da primeira entrevista de cada educadora, buscando os indícios por elas utilizados na realização desta avaliação. A partir desses indícios pretende-se criar e organizar categorias que orientarão esses recortes, realizando então a análise das entrevistas restantes.

(FAPESP/CNPq)

CRIAÇÃO DO ARQUIVO DAS FITAS-ÁUDIO E DE SUAS TRANSCRIÇÕES DO PROJETO "PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO DE BEBÊS À CRECHE"

Adriano Puntel Gousen
Caroline F. Elitink
Cláudia Helena D. Yazlle
Helôisa de O. Salgado

O surgimento do arquivo de fitas-áudio é produto do projeto de pesquisa "Processos de Adaptação de Bebês à Creche" coordenado pela Profª Drª Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

O processo de criação e organização de um arquivo de fitas-áudio originou um arquivo de fitas para educadoras/técnicas e outro para mães. Ele também originou a produção de novos arquivos: o arquivo de transcrições impressas, o arquivo das transcrições registradas em forma de arquivo-texto no computador, e um banco de dados denominado ADAPTA o qual possibilita uma seleção de certos aspectos a serem analisados nestas entrevistas (determinadas crianças, turmas, educadoras...). Com o objetivo de proteger a identidade dos sujeitos foram criados codinomes para cada um deles.

Este arquivo está composto por 92 fitas-áudio, onde 72 são de educadoras e técnicas, e 20 de mães. No total estão gravadas 122 entrevistas, sendo 83 de educadoras e técnicas e 39 de mães.

Atualmente todos estes arquivos estão disponíveis à utilização de diversos pesquisadores envolvidos com este projeto.

Este trabalho foi realizado de fevereiro de 1995 à fevereiro de 1996, e no momento seus arquivos estão sendo complementados e aperfeiçoados.

(FAPESP/CNPq)

O objetivo deste trabalho é investigar se a formação contínua em serviço de educadores de creche exerce alguma influência no discurso que produzem sobre sua prática de atendimento. Dado que os cursos de treinamento têm por base o discursocientífico, cuja principal característica de funcionamento está no uso indeterminado dos sujeitos do enunciado, procuramos identificar as ocorrências destas marcas no discurso de 8 educadoras de duas diferentes creches: a creche I (CI) que oferece formação contínua em serviço e a creche II (CII) onde a prática formadora é mais rara e assistemática. Os dados foram colhidos através de entrevista semi-estruturada que abordava temas relacionados ao trabalho que realizam junto às crianças (alimentação, higiene, sexualidade, etc.). Os resultados, obtidos através da metodologia Análise do Discurso de orientação francesa, mostram que o estilopreferencial das educadoras da CI é a indeterminação do sujeito, enquanto que entre as educadoras da CII, ao contrário predomina o uso de formas determinadoras. Assim, na CII, onde a prática formadora é assistemática, há, na maior parte do tempo aproximação com o discurso produzido, evidenciando que nesta creche as educadoras assumem-se enquanto autoras de seus dizeres e podem comprometer-se com os mesmos. Já na CI, parece haver um mecanismo de identificação com o discurso de outros, ou seja, com o discurso científico e/ou com o discurso das pessoas que promovem o treinamento em serviço, efeito ausente na CII pela falta de um trabalho que sirva de referência, onde os educadores possam apolar-se. (FAPESP, CNPq)

"ESTUDO LONGITUDINAL DA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE EDUCADORAS CRIANÇAS NA CRECHE CAROCHINHA" Georgia De Sordi. Orientadora: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP.

Considerando a tendência existente da criança em ingressar à creche cada vez mais cedo, esta pesquisa visa estudar as interações educadora-criança, durante a fase de adaptação de bebês que ingressaram na creche durante o primeiro ano de vida. Dada a complexidade dos fatores que envolvem o processo de adaptação da criança, o objetivo deste estudo circunscreve a evolução do processo de construção das relações entre cada criança e as educadoras responsáveis, ou seja, como elas negociam a relação entre elas, desde a fase inicial, considerada de adaptação, até o final do semestre, quando supõe-se que a criança já teve oportunidades de estabelecer relações mais estáveis com as educadoras, embora o processo de adaptação possivelmente continue além deste período.

O processo de construção das relações está sendo observado através da criança Livia, ingressante na creche Carochinha (Coseas-USP) no primeiro semestre de 1994, e suas respectivas educadoras (Rio e Lua). Livia ingressou com 9 meses e quinze dias. Os dados foram colhidos por meio de gravações em vídeo realizadas durante os três primeiros meses de ingresso da criança.

Basicamente, o procedimento de análise consiste em dois momentos: uma transcrição detalhada das fitas - das ações executadas pelos sujeitos e do contexto das interações - e uma análise qualitativa dos dados transcritos.

Já foram analisados os dados referentes à primeira semana da criança à creche. Dando continuidade ao trabalho, a primeira transcrição sofreu algumas alterações: os momentos em que Livia aparece com as educadoras são transcritos segundo um esquema que possibilita, através de uma melhor visualização das interações em si, uma análise mais aguçada da dinâmica do processo de construção de vínculo entre as educadoras e a criança no período estudado. O esquema baseia-se em aprender o como a interação se inicia, a qualidade da resposta, se a interação se estabeleceu, quem a rompe e como. A análise dos dados ainda está em andamento.

FAPESP - 95/0525

INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA NAS CONCEPÇÕES DE EDUCADORAS DE CRECHE: A RESPEITO DAS FAMÍLIAS ATENDIDAS. Telma Vitoria e Maria Clotilde Rossetti Ferreira.

Este trabalho pertence ao Projeto Temático "Interação adulto-criança e criança-criança em creches: análise de alguns elementos mediadores do desenvolvimento humano", na forma de sub-projeto. As representações dos adultos, construídas no decorrer de sua história de vida, constituem-se elementos a ser investigados no contexto do projeto mais amplo. Sabemos das representações predominantes na nossa sociedade, sobre a creche como instituição assistencial voltada ao atendimento de crianças "carentes" e sobre a importância da mãe (ou substituta) junto à criança, para o seu desenvolvimento. Sabemos também, da necessidade de abordar estas representações na formação dos educadores de creche, visto que elas influenciam sua ação no trabalho junto a crianças e famílias. Procuramos então, investigar como os educadores representam às mães/famílias que deixam seus filhos na creche, conforme participem ou não de um projeto de formação continuada. Analisamos entrevistas de educadoras de 2 creches diferentes no NSE das famílias atendidas, condições de trabalho, tipo de formação prévia e em serviço. Nas entrevistas são abordados diversos assuntos, como alimentação, higiene etc. Na análise, recorremos os momentos em que as educadoras se referem à mãe, ao pai, à família, à casa e investigamos os conteúdos. Os resultados mostram representações multifacetadas e contraditórias, onde uma mesma entrevista apresenta as mães, ora como impotentes, ora responsáveis, ora colaboradoras, ora agressivas, mas sempre com uma queixa de pouca participação e reconhecimento das mesmas. Além disso, a presença destas mães é vista como algo que dificulta o trabalho.

Os depoimentos analisados deixam transparecer a existência de conflitos na relação educadora(s) e mãe(s), apesar da tentativa em apresentar esta relação como uma complementaridade. Se os mesmos conflitos se manifestam nas duas creches, seus motivos devem ser procurados num âmbito social mais amplo, referente às transformações do papel da mulher e da creche na sociedade. (FAPESP)

INTERAÇÃO CRIANÇA-CRIANÇA NA CRECHE: PAPEL DO ADULTO COMO MEDIADOR DESTA ENCONTRO.

Cleido R. Franchi e Vasconcelos e Maria Clotilde Rossetti Ferreira.

Existe pouca aceitação na literatura para a ocorrência de interações criança-criança antes de um ano de idade. Interações entre o bebê e sua mãe são bastante descritas. Por volta dos dois meses de idade as crianças começam a ser capazes de fixar o olhar, pois o desenvolvimento visual do bebê, nesta idade, permite que ele comece a perceber detalhes dos objetos e sujeitos fixados pela sua visão. Assim, muitas das interações que acontecem nos primeiros meses de vida são mediadas pelo olhar e também por outros aspectos não verbais. Observações preliminares feitas em 21 bebês (5-13 meses) que começaram a frequentar o berçário da Creche Carochinha, junto de seus familiares e de suas respectivas educadoras, no primeiro semestre de 1994, têm mostrado que interações criança-criança podem acontecer. Estas interações envolvem olhares, vocalizações, posturas corporais, contato físico e são muito influenciadas pela própria organização do ambiente físico do berçário, que pode aumentar ou diminuir a possibilidade deste encontro acontecer. O objetivo do presente estudo é saber como a ação do adulto (familiares envolvidos no processo de adaptação e educadoras) pode interferir favorecendo ou mesmo interrompendo esta interação criança-criança. Também pretendemos observar se a presença ou a ausência destes familiares interfere na mediação da educadora nas interações criança-criança. Para isso, serão feitas observações e transcrições de fitas de vídeo previamente gravadas durante o processo de adaptação das crianças à creche no primeiro semestre de 1994. A análise será basicamente qualitativa, procurando episódios específicos de interação criança-criança e observando como é a ação dos adultos nestes episódios. Esta busca será feita em fitas de vídeo editadas com o material condensado das gravações do primeiro e segundo mês do processo de adaptação (3 primeiros meses de frequência). No primeiro mês estão presentes os familiares envolvidos no processo de adaptação e no terceiro o processo está praticamente terminado e os familiares não estão mais presentes. (FAPESP, CNPq)

Momentos no Processo de Adaptação de Bebês à Creche

Helioisa de Oliveira Salgado orientadora: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira

O estudo pós "Momentos no Processo de Adaptação de Bebês à Creche" é um projeto que está inscrito dentro de um outro mais amplo que investiga os "Processos de Adaptação de Bebês à Creche", o qual vêm sendo realizado pelo CINEDEI, grupo ligado a FFCURP-USP.

Partindo-se da concepção de que "o desenvolvimento é um processo de construção social que se dá nas e através das múltiplas interações que um indivíduo estabelece, desde o seu nascimento, com outras pessoas, em especial com aquelas que possuem um maior vínculo afetivo" (Rossetti-Ferreira, Vidria e Amorim, 1993), o processo de adaptação de bebês à creche vai, portanto, se dar em um contexto interativo, acabando por envolver uma série de desconstruções na criança e em suas relações com as pessoas que a cercam. O desenvolvimento, o qual se dá através de crises, se de um lado causam uma desconstrução, por outro são necessárias para que haja uma reconstrução, crescimento e consequente desenvolvimento.

Há muito, estuda-se os diversos movimentos que o indivíduo faz para se "adaptar" às mudanças necessárias da vida. No caso de bebês, esse movimento é sempre mediado pelos adultos com quem estabelece relações afetivas. No decorrer do processo de adaptação, as figuras familiares de apego vão dar lugar a outras figuras de apego como, por exemplo, das educadoras. Esse é um processo que não afeta somente o bebê mas também pais e mães e todos aqueles que estão envolvidos com o bebê no ambiente da creche, numa série de transformações sucessivas. Esta é a razão de se estudar momentos de mudança no processo de adaptação do bebê à creche.

Dessa forma será estudado como se dá a adaptação de bebês em seus vários aspectos: alterações na rotina de sono, alimentação, eliminação, comportamento, etc..., como se modificam suas reações frente às mudanças de ambiente, de pessoas novas e à separação dos pais, como se dá a formação de novos vínculos dentro da creche e a importância dessas mudanças para sua adaptação.

Os sujeitos desse estudo são dois bebês, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, de aproximadamente nove meses, suas respectivas mães e duas educadoras. Todos foram acompanhados durante três meses. Os dados serão analisados a partir da entrevista de matrícula, entrevista com educadoras e técnicos, entrevistas com mães, gravações em vídeo e fichas de observação de saúde e de comportamento das crianças. Através de um estudo longitudinal buscamos verificar momento a momento as variáveis envolvidas e o seu processo de mudança.

Apoio: CNPq e FAPESP

O Desenvolvimento Teórico-Metodológico do Estudo

"O Papel do Adulto Enquanto Mediador do Processo de Adaptação do Bebê à Creche"

Mestranda: Katia Amorim
Orientadora: M. C. Rossetti-Ferreira

Esse estudo é um sub-projeto ligado à investigação sobre os "Processos de Adaptação de Bebês à Creche". Ele tem como objetivo verificar o modo como os adultos, tanto os familiares, como as educadoras, exercem o papel de mediadores do processo de adaptação, em relação à criança. Como é que eles apresentam, ao bebê, o novo ambiente, os objetos e as pessoas presentes e que significados lhes atribuem; e ainda, que significado atribuem à ausência temporária da mãe e ao fato de que a mãe não vai exercer sozinho os cuidados do bebê, existindo outros adultos que dele cuidarão. O estudo baseia-se na adaptação de 21 crianças, entre 5-13 meses de idade, ao módulo rosa ("berçário") da Creche "Carolinha". Dentro o material que registrou o conjunto da situação, este projeto vem utilizando, preferencialmente, as gravações em vídeo do ambiente da creche e as entrevistas com as mães, educadoras e técnicas, gravadas em áudio.

O painel procura trazer algumas das questões que se destacaram durante o desenvolvimento do estudo, algumas delas fortemente influenciadas pelo contato com os dados do material empírico. Uma primeira questão envolve a busca de compreensão do significado do termo "adaptação" e o que representa a definição de se um sujeito está, ou não, adaptado ao contexto da creche. Um segundo aspecto, refere-se à discussão sobre quem é (ou quem são) o(s) sujeito(s) em adaptação, questionando-se o fato de que o bebê seja o único a estar vivenciando esse processo. Um terceiro aspecto refere-se a algumas características sobre o modo como se dão as interações dos sujeitos no ambiente em estudo. Discute, ainda, a existência de um grande número de fatores interferindo no processo, demonstrando a sua complexidade. Essa última torna-se incrementada quando se avalia as múltiplas associações possíveis entre esses fatores determinando o desenrolar da adaptação, colocando o observador em uma situação de quase imprevisibilidade quanto ao seu desfecho. Procura traçar, finalmente, os objetivos do trabalho a partir do momento atual. (FAPESP, CNPq)

Nota: não se adaptam a creche, e se importante
crianças que não se adaptam, e se importante
em termos de a desenvolver a adaptação

SISTEMA DINÂMICO NO QUAL OCORRE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA, DA FAMÍLIA E DAS EDUCADORAS, QUANDO UM BEBÊ COMEÇA A FREQUENTAR UMA CRECHE

M. C. Rossetti-Ferreira, K. Amorim T. Vitória

O modelo a ser apresentado foi proposto para analisar o complexo sistema no qual ocorrem os processos de inserção, desenvolvimento e educação de bebês em creches, com uma ênfase na dinâmica e sinérgica relação entre os vários sujeitos envolvidos. Baseia-se numa perspectiva sócio-constructivista do desenvolvimento (Wallon, 1942; Vygotsky, 1986; Mead, 1934) e deriva de uma longa experiência do grupo em pesquisa, educação e intervenção em desenvolvimento de bebês em creches, e mais especificamente, de um projeto de pesquisa sobre processos de adaptação quando bebês começam a frequentar a creche. Gravações de vídeo, fichas de observação de saúde e comportamento, assim como entrevistas com mães, educadoras e técnicas foram realizadas com 26 bebês (entre 5 e 18 meses de idade) durante seus três primeiros meses na creche. O modelo centra-se em três personagens principais: Mãe (M), Criança (C) e Educadora (E) e nas suas mútuas relações que criam três campos interconectados. O campo M-C está inscrito em uma rede mais ampla, o **cenário da família**, que envolve não somente os membros familiares, mas também amigos e vizinhança. Os outros dois campos, E-C e M-E, localizam-se no **cenário da creche** e nele se dão as interações em estudo. Ambos cenários estão inscritos em uma matriz sócio-histórica mais ampla criada pelos complexos sistemas culturais, econômicos e políticos, os quais continuamente estruturam o desenvolvimento humano, possibilitando variados padrões de comportamento para cada indivíduo. A interação dos diferentes fatores mudam com o tempo. Pelo menos três momentos devem ser considerados: a tomada da decisão; os primeiros dias na creche, e, a construção de novas ligações afetivas. Apesar desse modelo ter sido desenvolvido para analisar o processo de adaptação na creche, fornece uma útil estrutura que possibilita a investigação de outros processos psico-sociais, assim como um guia nas avaliações da qualidade do atendimento, intervenções em instituições, e no treinamento e ensino de profissionais de creche. FAPESP e CNPq (CNPq/DEDD) - Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto

"SUBSÍDIOS PARA ORGANIZAÇÃO DE UM PROJETO DE ADAPTAÇÃO PARA CRIANÇAS QUE SAEM DA CRECHE E INGRESSAM NA 1ª SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU, EM RIBEIRÃO PRETO - UM ESTUDO EXPLORATÓRIO"

Rafaela Teles Creche Carochinha, Rosa Virgínia Pantoni, Silvana Januário - Creche Carochinha - COSEAS / USP

O presente trabalho teve como objetivo polher dados referentes às expectativas das habilidades e/ou outras características esperadas pelos professores com relação às crianças que estão ingressando na 1ª série do primeiro grau, bem como conhecer as propostas de trabalho de algumas escolas da rede pública e privada. E finalmente rever, com base nesses dados, o projeto de adaptação para a escola que vem sendo realizado junto à turma de crianças (6 a 7 anos) que frequentam a Creche Carochinha - COSEAS/USP-RP. Faz-se necessário considerar que este trabalho não teve a pretensão de realizar uma pesquisa propriamente dita mas sim o caráter de estudo exploratório visando uma reflexão sobre a prática psicopedagógica. A metodologia utilizada foi: visitas a 9 escolas e entrevistas semi-estruturadas com coordenadores pedagógicos, orientadores e professores das séries iniciais do 1º grau. Os critérios utilizados para a escolha das escolas foram: confrontar diferentes realidades (rede estadual - n=4, rede municipal - n=2 e rede privada - n=3) e abranger escolas cuja clientela atendida contemplasse as crianças que haviam frequentado a creche em anos anteriores. Quanto às entrevistas, estas eram semi-estruturadas e o roteiro abrangia questões referentes a: diretrizes para realização da proposta de trabalho, existência ou não de um currículo e sua operacionalização, expectativas referentes ao desenvolvimento (incluindo as habilidades) das crianças que ingressam na 1ª série, processo de composição das turmas e no de alunos por sala, encaminhamentos, existência ou não de um projeto de adaptação para essas crianças, formas de avaliação do trabalho, notas etc. Através das análises das entrevistas pudemos constatar que todas as escolas fazem referência ao uso da Proposta Construtivista para a sistematização das diretrizes pedagógicas, porém esta parece estar sendo mal compreendida quando analisa-se a forma das professoras realizarem a alfabetização. Muitos professores referem-se a proposta como "um método de trabalho" e descrevem a sua aplicação como sendo o "uso da cartilha". Muitos ao descreverem como alfabetizam, referem o uso da família silábica, enfase ao trabalho com fonemas e valorizam a formação de sílabas heterogêneas. Outros referem o uso de um método diversificado, onde utilizam-se estratégias ativas de diferentes estratégias lúdicas. Foi bastante marcante em praticamente todas as escolas a preocupação com as habilidades "preparatórias à alfabetização" tais como: coordenação motora, organização espacial, percepção, discriminação, lateralidade, reconhecimento de cores e formas e convivência. Cerca de 70% delas disseram que seria recomendável que a criança já soubesse reconhecer algumas letras e o próprio nome. Algumas fizeram referência à necessidade da criança já vir sabendo fazer uso do caderno. Quanto ao número de alunos por sala na 1ª série, pôde-se verificar que nenhuma sala atende menos que 30, sendo a média de 35 a 38 alunos por sala. Outro dado que também chamou nossa atenção foi o fato de nenhuma escola ter um projeto sistematizado para a recepção e adaptação das novas crianças que ingressam na instituição. Apesar de existirem algumas iniciativas nesse sentido (criança timada a novo ver), estas ficam a cargo do próprio professor. Na nossa opinião esse assunto é bastante sério principalmente nas escolas estaduais e municipais que atendem um número grande de alunos e cujo espaço físico é bastante apertado. Esperamos que este ensaio exploratório suscite uma pesquisa que permita rever a prática pedagógica no 1º grau e possibilite uma reflexão a respeito da relação entre escola e família.

NARRATIVA: "CONTO QUE A CAIXA CONTA"
EDNA APARECIDA A. DA COSTA, EVA BENEDITA AGOSSI e LÉSIA
MARIA F. SILVA

A narrativa para as crianças envolve todas oportunidades de interação que a criança tem com o mundo imaginário. Ouvir e ler história de várias formas, fazer de conta, dramatizar com fantoches etc levam as crianças, entre outras coisas, a compreensão da realidade. Partindo desse pressuposto, no decorrer dos últimos sete anos na Creche Carochinha, não usamos apenas o livro para contar histórias. Nosso objetivo foi de envolver os pequenos, reconhecendo e valorizando o mundo imaginário, tentando traduzir aquilo que só existe na imaginação infantil. Utilizando a surpresa guardada dentro de cada caixinha, pudemos desafiar os pequenos a construir perguntas, a levantar uma série de hipóteses sobre os enredos, cenários e personagens, ampliando seu vocabulário, permitindo a manifestação de alguns sentimentos - como raiva, medo, alegria etc, - gerando conflitos cognitivos importantes para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento.

10/10/2017

09/10/2017

09/10/2017

09/10/2017

09/10/2017

09/10/2017

09/10/2017

09/10/2017

27/00 - 3ª F - 14h

Organização:

Cindedi

Apoio:

FFCLRP-USP

FAPESP

CNPq

Creche Carochinha

CINDEI

Este folheto foi produzido por :
Adriano Puntel Gosuen
Cláudia Helena D. Yazlle.
Desenho: Cleido Vasconcelos